

numérica, tornou viável o diálogo universal, interactivo, disponibilizou possibilidades impensáveis há apenas algumas décadas. A presença constante dos meios tecnológicos no dia à dia das pessoas reclama uma atenção não só aos perigos, mas a tudo o que de positivo se pode colher dos mesmos. Na linha de Postman (1994) ou Popper (1995) nutrimos a convicção de que todas as transformações tecnológicas influenciam a sociedade em geral e a Escola de um modo particular. Postman (1994:18) referindo-se ao mito da invenção da escrita, narrado por Platão no *Fedro*, como exemplo paradigmático da relação entre a introdução de uma tecnologia e as alterações culturais e civilizacionais que daí decorrem, avaliadas em termos de ganhos e perdas, escreveu:

“... As mudanças operadas pelas tecnologias são subtis, se não misteriosas, podemos até dizer desesperadamente imprevisíveis. Entre as mais imprevisíveis contam-se aquelas que se podem catalogar de ideológicas. Esta é uma espécie de mudança que Tamuz tinha em mente quando alertou para o facto de os escritores passarem a confiar nos sinais exteriores em vez de nos próprios recursos internos, e que receberiam grandes quantidades de informação sem a instrução adequada. Com isto queria dizer que as novas tecnologias mudam o que conhecemos como ‘conhecimento’ e ‘verdade’; elas alteram aqueles hábitos de pensamento profundamente enraizados que dão a uma cultura o sentido daquilo que o mundo é — do que é a ordem natural das coisas, do que é razoável, do que é necessário, do que é inevitável, do que é real. Como tais mudanças se expressam na alteração do significado de velhas palavras, vou deixar que para mais tarde a discussão da maciça transformação ideológica a ocorrer presentemente nos Estados Unidos”

A Escola do passado, caracterizada pelos seus métodos e tecnologias tradicionais, grandemente suportadas pela oralidade e por uma organização piramidal e hierárquica, conflitua com a sociedade da informação e tem de dar lugar a uma nova escola. Há quem veja os meios de comunicação social, nomeadamente a Televisão, como um inimigo da escola e, por sua vez, muitos profissionais do audiovisual criticam a escola por resistir, ou pelo menos certos professores, à criatividade, às potencialidades dos meios de comunicação social. Parece, assim, existir uma separação entre a escola e os media.

No entanto, ninguém pode negar que a Televisão se tem vindo a tornar num meio privilegiado de aculturação, de formação de consciências e de transmissão de ideologias e valores.

Como refere Masterman (1996), os meios de comunicação social, nomeadamente a Televisão surgem como modeladores das percepções e ideias das pessoas. Eles não apenas proporcionam informação sobre acontecimentos, mas também proporcionam formas de ver e entender o mundo.

Apesar da influência que a Televisão exerce sobre as pessoas e, de um modo particular, sobre as crianças, a verdade é que Escola e Televisão parecem permanecer como dois mundos incomunicáveis.

A escola tem de ser entendida como um espaço de saberes, onde o conhecimento e a reflexão devem ser privilegiados e também deve ser um espaço de aprendizagem para a mensagem televisiva.

É preciso estar atento ao fenómeno da informação veiculada através dos meios de comunicação social, nomeadamente, através da Televisão. Diariamente, somos invadidos por uma grande quantidade de informação, por inúmeras imagens, pelo que se torna fundamental auxiliar as crianças e os jovens a saberem escolher a informação, a descodificá-la e, também, a descodificar a linguagem das próprias imagens. É preciso, nos dias de hoje, saber distinguir a informação que realmente interessa e é importante daquela que é supérflua e sem interesse.

Tema de investigação

A temática que procurámos investigar está, precisamente, relacionada com os efeitos ou, mais precisamente, com “Os desafios educativos da televisão no 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

Constituiu preocupação, deste estudo, permitir uma reflexão sobre a necessidade de educar para o uso da Televisão, bem como educar através da Televisão. A educação para o uso da Televisão impôs-nos como um desafio, e simultaneamente, uma tarefa que importa que seja assumida de forma conjunta pela Família e pela Escola.

Esta educação necessária e urgente, desde logo, porque hoje, fruto do ritmo alucinante em que as pessoas vivem se vai tornando quase impossível controlar os programas, as imagens que a crianças vêem.

Um aspecto que não pode ser negligenciado pelos pais e pelos professores está relacionado com a grande dificuldade que a criança ou o adolescente tem em dar uma significação às sensações, às emoções que vivenciam perante as imagens e a informação que é veiculada.

Família e Escola têm responsabilidades na preparação das crianças e dos adolescentes para o mundo das imagens e das palavras com grande poder, ou seja, têm de os preparar para dominarem os media e não serem alienados ou dominados por eles.

Há quem avalie negativamente a Televisão e os seus programas mas, apesar dessa avaliação negativa que fazem, consideram-na preferível aos perigos da rua. Lurçat (1998:46) coloca uma questão interessante:

«Se fosse possível fazer com que as crianças dominassem as imagens da mesma forma que dominam a escrita, não seria esse o melhor modo de as precaver contra os seus efeitos nefastos?»

Durante muito tempo, entendeu-se que a Televisão desempenhava uma tríplice função que era a de «(...) informar, divertir, educar», mas hoje, para além destas funções, Muñoz (1998: 27-34) entende que ela tem as funções de «(...) formar, aliviar, vender, acompanhar, relacionar diferentes âmbitos da sociedade, partilhar, satisfazer a curiosidade mórbida, fazer propaganda, tribalizar, distribalizar, auxiliar impor a agenda».

Para os docentes, a Televisão surge como uma ameaça para a aprendizagem escolar, devido ao tempo que, diariamente, ocupa os alunos, impedindo-os de se dedicarem ao estudo, de se concentrarem e de prestarem atenção na elaboração dos trabalhos escolares.

Em 1992, a Unesco salientava que a Televisão aumenta a passividade intelectual, afasta a criança e o adolescente do trabalho escolar, limita a criatividade e o tempo para outras actividades. Salientava, ainda, que o uso massivo deste meio pode retardar ou alterar as etapas da aprendizagem infantil. A tudo isto tem de se acrescentar os medos, fascínios, inibições de comportamento. No entanto, muitas das informações e dos conhecimentos que as crianças apresentam quando entram para a escola provém da experiência televisiva.

Em face de toda esta realidade, torna-se importante formar os alunos para um uso crítico e inteligente deste meio de comunicação social. A educação para os media na perspectiva de autores como Len Masterman (1993; 1996), Jacques Gonnet (2006), David Buckingham (2002), entre outros, afirma-se cada vez mais como uma exigência intransponível.

A escola deve contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, o que deve envolver a alfabetização para a Televisão. Importante é que a criança e o adolescente aprendam a ver melhor televisão, que sejam menos influenciadas por aquilo que vêem, que adquiram atitudes analíticas e avaliativas relativamente ao conteúdo dos programas e da publicidade e a escola pode dar o seu contributo para a concretização deste propósito.

Interessa formar telespectadores críticos e inteligentes. Como referem Palomo e Garrido (1997), apenas uma aprendizagem activa e intencional que ponha o aluno em contacto com a realidade que enfrenta diariamente, o pode sensibilizar e o pode preparar para um consumo equilibrado, racional e não passivo da Televisão.

Martins (1995: 144) citado por Aguaded Gómez (2007:183) aponta três razões principais para utilizar a televisão como media na escola:

*“— estimular o interesse e a atenção dos alunos;
facilitar o acesso de crianças a mundos desconhecidos e dificilmente acessíveis sem o concurso do pequeno ecrã, como fenómenos da Natureza, transmissões em directo de determinados acontecimentos, etc.;
favorecer o processo de comunicação na aula, uma vez que a televisão representa um importante foco de interesse para as crianças, funcionando, simultaneamente, como um motor dinamizador do ensino que faz a ligação da escola com o universo quotidiano em que esta se insere.”*

Um consumo adequado da Televisão pode trazer vantagens, nomeadamente, ao nível da formação integral do sujeito, uma vez que, facilita a aquisição global de conhecimentos, para além de que, é um importante agente socializador junto da família e da escola e pode ser um excelente recurso didáctico, atractivo e motivador, proporcionando informação actualizada, divulgação cultural e de realidades culturais inacessíveis para muitas pessoas a educação para a Televisão deve ter, simultaneamente, um papel de libertação e de responsabilização, ajudando na preparação dos mais novos para uma cidadania democrática e para uma consciência política.

Pérez Tornero (1997:26-27) citado por Aguaded Gómez (2007:183-184) partindo de uma perspectiva crítica defende como finalidades para uma educação crítica da televisão um conjunto importante de objectivos de carácter individual e social:

*“descobrir o carácter mediador da mensagem televisiva como representação intencional da realidade e desenvolver, face a ela, uma capacidade crítica;
desenvolver a autonomia dos alunos perante o media televisivo, entendendo-o como um serviço público do qual, como cidadãos livres, temos de fazer uma utilização responsável;
explorar as possibilidades expressivas e comunicativas oferecidas pela televisão para o enriquecimento da comunicação da comunicação e do pensamento humanos.
(...)
Desenvolver a autonomia da comunidade para organizar livremente a televisão ao serviço dos legítimos interesses do grupo;
Promover a garantia das liberdades básicas em termos de comunicação: liberdade de expressão, direito à informação e, igualmente, direito à expressão das diferenças;
Incentivar a democratização do sistema televisivo, que deve permitir o acesso e a participação dos cidadãos, e, neste caso particular, dos membros da comunidade escolar, não só pela representatividade do seu número, mas também pela importância de, nesta fase de evolução, a televisão se transformar num media de confluência no quadro do difícil e complexo processo de ensino-aprendizagem.”*

Os pais também devem contribuir para esta educação para a Televisão. Importante não é impedir os filhos de verem Televisão, mas assistir com eles aos programas e dialogar com os filhos sobre os programas que assistem.

Por tudo o que foi dito, torna-se importante iniciar os alunos na compreensão das estruturas, nos mecanismos de construção das mensagens dos meios de comunicação social.

Quando nos foi proposta a elaboração da tese de Mestrado, optámos pela problemática dos Meios de Comunicação Social, dando particular atenção à relação entre a Televisão, a família e a escola.

Objectivos de investigação

Na realização do projecto de investigação propusemo-nos alcançar determinados objectivos de investigação dos quais salientamos os seguintes:

- 1 – Compreender o consumo da Televisão por parte dos alunos;

- 2 – Ajudar os alunos a saberem usar, criteriosamente, a informação veiculada pela Televisão;
- 3 – *Analisar a Televisão como recurso/auxiliar no processo de ensino/aprendizagem;*
- 4 – *Apurar se a família educa para a Televisão.*

Contexto de investigação

Decidimos realizar um trabalho de campo que incidiu no Agrupamento de Escolas Agostinho da Silva, situado no concelho de Guimarães.

Este concelho situado no distrito de Braga, região Norte e sub-região do Ave apresenta uma intensa actividade económica, especialmente, nas áreas de fição e tecelagem de algodão e linho, cutelaria, curtumes, quinquilharia e artesanato de onde se destaca a ourivesaria, faianças e bordados.

Trata-se de um concelho com 69 freguesias, sendo 28 classificadas como áreas medianamente urbanas e 41 categorizadas como áreas predominantemente urbanas, sendo que dessas freguesias, 9 têm o estatuto de vila e 20 são total ou parcialmente inseridas na cidade.

O Agrupamento de Escolas onde se realizou um trabalho de campo integra uma freguesia correspondente à área urbana da cidade (S. Cristóvão); uma freguesia medianamente urbana (Tabuadelo); e quatro freguesias predominantemente urbanas não pertencentes à área urbana da cidade ou não classificadas como vilas (Calvos, Gémeos, Pinheiro, S. Faustino).

Instrumentos de recolha de informação

Para o desenvolvimento do trabalho de campo, procedeu-se à elaboração de dois inquéritos por questionários, sendo um destinado a alunos e o outro a docentes que leccionam nas escolas EB1 do Agrupamento Agostinho da Silva. Houve um significativo cuidado com a elaboração deste instrumentos de recolha de informação. Tivemos uma atenção muito grande à apresentação, estruturação do questionário, à redacção das questões. Procurámos que a formulação daquelas fosse clara, numa linguagem simples, evitando tudo o que pudesse induzir os inquiridos em erro. No que concerne ao número de questões quisemos que o seu número não fosse excessivo, evitando perguntas irrelevantes e, ao mesmo tempo, minimizando o risco de recusa no seu preenchimento por parte dos inquiridos. O questionários foram objecto de análise de especialistas e de um pré-teste, com o objectivo de validar os mesmos.

Amostra

A nossa amostra foi constituída por 68 alunos e 61 professores. Trata-se de uma amostra de conveniência que, por isso mesmo, não nos permitiu alargar as conclusões alcançadas, mas apenas limitá-las à área geográfica onde decorreu o trabalho de campo. disponibiliza-nos algumas informações importantes para uma intervenção futura ao nível da formação dos professores e da acção junto das famílias.

Apresentação dos Resultados

Pela análise realizada ao inquérito dos alunos, verificamos que a maioria gosta de ver televisão e depende cerca de duas horas e trinta minutos em frente ao ecrã da televisão. Este resultado não é extraordinariamente preocupante, pois situa-se dentro da media nacional e mesmo internacional. Dos elementos inquiridos, a grande maioria (67,6%) têm o hábito de ver televisão na companhia dos pais e 72,1% referem que conversam com os pais sobre os conteúdos que são veiculados na televisão. Este resultado constitui um elemento importante para a reflexão sobre o consumo televisivo. A consciência de que a política ao nível da programação televisiva não patenteia uma significativa

preocupação com o público infantil, veiculando por isso conteúdos desadequados à infância, poderá ser minimizada em termos das reais consequências sobre as crianças, se de facto houver o hábito de pais e filhos verem conjuntamente televisão. Algumas das inquietações quanto a conteúdos desadequados (excesso de violência, a presença de cenas de sexo, sensacionalismo, entre outros) podem ser minoradas por um diálogo aberto e pedagógico entre os pais e as crianças. Verificámos, igualmente, que 67,6% dos pais dos elementos inquiridos não controlam o tempo despendido pelos filhos a ver televisão. Esta dimensão torna-se hoje uma realidade preocupante. Ainda que não subscrevamos integralmente a tese de John Condry (1994) que defende que a televisão é “uma criada infiel e uma ladra do tempo”, temos consciência de que, apesar de tudo, acaba por contribuir para que outras actividades interessantes, como a leitura, os jogos colectivos, o desporto em geral, a interacção com as outras crianças, sejam relegados para segundo plano.

É importante sublinhar o facto de que 52,9% dos alunos inquiridos consideram que não aprenderiam mais com o uso das tecnologias e referem que o/a professor/a na sala de aula não usa a televisão ou os conteúdos que aí são veiculados. Todos sabemos que é possível com benefício para o aluno, ao nível do 1º ciclo do ensino básico, fazer uso dos conteúdos televisivos para a motivação e para o ensino em várias áreas de conteúdo. Para além de tudo as vantagens de uma aproximação às vivências dos alunos parecem-nos também indiscutíveis. De acordo com 58,8% dos alunos inquiridos, o uso da televisão ajudaria a aprender a ver televisão. Este valor reflecte a consciência de que os alunos têm a convicção de que alfabetização audiovisual é um instrumento fundamental para a compreensão dos conteúdos televisivos.

A análise ao inquérito por questionário realizado junto dos professores, revela que existe uma preocupação por parte dos docentes no que se refere ao poder que os meios de comunicação social exercem sobre quem os utiliza e, por isso mesmo, entendem que seria necessário e importante uma ética da comunicação, uma deontologia profissional, que promovesse um respeito efectivo dos media em relação aos seus públicos, com particular atenção para o público infantil. 82% dos professores inquiridos entendem que a televisão ocupa muito espaço na vida dos seus alunos. Dos professores inquiridos, 75,4% referem que nem sempre falam com os seus alunos sobre os programas de televisão. Este valor reflecte ainda a ideia que alguns professores têm de que os media são um recurso legítimo em sala de aula e não concorrem para o ensino das crianças. Na opinião de 86,9% dos inquiridos, a televisão modela a atitude dos alunos e segundo 45,9% a influência exercida pela televisão reflecte-se ao nível do seu comportamento. A ser assim, valeria a pena os professores do 1º ciclo do ensino básico passarem a conceder uma maior atenção à análise dos conteúdos e valores veiculados pela televisão. Na opinião de 58,3% dos professores, a televisão pode estar na origem de algum insucesso escolar. Dos inquiridos, 83,1% referem que não têm aparelho de televisão dentro da sua sala de aula e 64,7% entendem que colocar um aparelho de televisão na sala de aula é pouco importante. Verificámos, ainda, que 26,7% dos professores inquiridos procuram educar os seus alunos aproveitando as potencialidades da televisão. Na opinião de 81,7% dos elementos da amostra, considera ter formação suficiente e adequada para ajudar os seus alunos a saberem ver televisão contribuindo para sua educação massmediática.

Conclusão

Podemos concluir que existe a consciência de que a televisão exerce um forte poder sobre as crianças; que ao nível da família, ainda não existe, por parte dos pais, um controlo efectivo sobre os programas que os filhos vêem; a maioria das salas de aula não está equipada com um aparelho de televisão; os professores não parecem ter o hábito de fazer uso dos conteúdos da televisão como recurso didáctico e ainda não se faz de modo pleno, ao nível da escola uma educação para os meios de comunicação social e de um modo especial para a televisão.

Este foi um estudo que realizámos e que despertou todo o nosso interesse e vontade para a realização de uma futura investigação, que desejamos torná-la mais ampla, mais profunda, alargando-a em termos de trabalho de campo.

Acreditamos que esta é uma problemática importante e merecedora de uma análise correcta e adequada, uma vez que é preciso ter consciência da importância e da influência, que pode ser altamente positiva, quer da Televisão, quer de outros meios de comunicação social.

Bibliografia

- Postman, Neil (1994) *Tecnopolia. Quando a Cultura se rende à Tecnologia*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Masterman, Len (1993) *La Enseñanza de los Médios de comunicación*. Madrid: Ediciones de la Torre.
- Masterman, Len (1996) “La revolución de la Educación Audiovisual” in Aparici, Robert (Coord.) *La Revolución de los Médios Audiovisuales. Educación y Nuevas Tecnologías*. Ediciones de la Torre: Madrid, pp. 29-38.
- Popper, Karl & John Condry (1995) *Televisão: Um perigo para a Democracia*. Lisboa: Gradiva.
- Gonnet, Jacques (2006) “Educação para os media: sonhos e realidades para um público cativo” in Abrantes, José Carlos (coord.) (2006), *Ecrãs em Mudança. Dos Jovens na Internet ao Provedor da televisão*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 53-71.
- Buckingham, David (2002) “A Posição da Produção. A Educação para a mídia e a produção de mídia pelos jovens no Reino Unido” in Von Feilitzen, Cecilia & Carlsson, Ulla (org) *A Criança e a Mídia. Imagem, Educação, Participação*. São Paulo: Cortez Editora, pp. 251-261.
- Muñoz, José Javier (1998) *Televisión, Sociedad y Educación*. Salamanca: Librería Cervantes.
- Martín, Alfonso Gutiérrez (1997) *Educación Multimedia y Nuevas Tecnologías*. Madrid: Ediciones de la Torre.
- Aguaded Gómez, José Ignacio, (2007) “A educação para a televisão. Propostas para a utilização didáctica do media televisivo na escola” in Pérez Tornero, José Manuel, (coord) *Comunicação e Educação na Sociedade da Informação. Novas Linguagens e consciência crítica*. Porto: Porto Editora, pp.175-185